

**Ronivaldo Moreira  
de Souza**

Doutorando em Comu-  
nicação Social  
Universidade Metodista  
de São Paulo

**RESENHA**

**Jornalismo cultural**



BALLERINI, Frantjesco. **Jornalismo cultural no século XXI**: literatura, artes visuais, teatro cinema e música. São Paulo: Summus, 2015.

A obra propõe uma reflexão sobre o jornalismo cultural na contemporaneidade e as transformações ocorridas com a chegada das novas tecnologias. Para além do importante resgate histórico do jornalismo cultural, ela traz minucioso trabalho de revisão bibliográfica sobre o tema, entrevistas com docentes dos cursos de especialização na área e com profissionais que atuam nas redações. Isso possibilita a apreensão do distanciamento entre o ensino do jornalismo cultural e a sua prática. Portanto, a grande contribuição da publicação não está nas respostas que oferece, mas, sim, nos questionamentos que desperta.

O livro foi organizado em 10 capítulos. No primeiro, somos levados a um percurso histórico do surgimento do jornalismo cultural no mundo, passando pelo início de sua prática no Brasil até os dias atuais. Encerra com um trabalho de revisão bibliográfica cuja proposta é responder à pergunta: “o que é cultura?”. No segundo capítulo discute-se a prática do jornalismo cultural, abordando desde questões sobre o estilo do texto até as implicações éticas que sempre desafiam os profissionais dessa área.

A partir daí, cada capítulo discute uma área de cobertura do jornalismo cultural: literatura, artes visuais, teatro, cinema, música. Os capítulos são estruturados obedecendo ao seguinte roteiro narrativo: a história, as novas plataformas, o ensino e as tendências na prática. Por fim, nos dois capítulos finais o autor fala sobre os novos universos – como moda, gastronomia, games e informática e as novas plataformas: portal, rede social, celular. O capítulo final traz uma breve reflexão sobre o ensino do jornalismo cultural, discutindo a importância de sua inserção no currículo dos cursos superiores de jornalismo.

Se o trabalho do crítico é “colocar a obra em crise” (BALLERINI, 2015, p.49), vamos a algumas inquietações que o texto nos provoca: quanto à questão da definição do que seja cultura, Ballerini (2015, p.31) deixa claro que não fará distinção entre esta e entretenimento por entender que “em uma obra voltada para o entretenimento há também traços culturais de seus produtores”. Essa afirmação parece harmonizar com os pressupostos teóricos propostos por Raymond Williams, citado pelo autor na página seguinte.

Williams (1979) entende a cultura como um sistema de significações em constante processo de ebulição. Ele rompe com a perspectiva marxista que explicava a sociedade pela relação superestrutura/infraestrutura, deslocando o lugar de apreensão de uma dada cultura. Para ele, a cultura não está nas continuidades substanciais, mas, sim, no rompimento dessas continuidades e, portanto, sua manifestação se dá de maneira embrionária nas artes, na literatura, na moda, na arquitetura e em outras formas semelhantes da vida social.

Ao longo da obra, Ballerini nos dá trechos de entrevistas com músicos, diretores de cinema e es-

critores, alguns dos quais se queixam exatamente da mesmice que leem nos jornais diariamente, nos quais os jornalistas sempre referenciam a produção cinematográfica, musical ou literária a meia dúzia de obras que conhecem. Talvez, se o ensino do jornalismo cultural treinasse melhor o olhar desses profissionais ao modo de Williams, pudesse haver maior valorização da efervescência do novo, das significações com as quais a obra rompe, ao invés daquelas com as quais estabelece continuidade. Aí está a manifestação dinâmica da cultura.

Nesse ponto surge um fato interessante, porque mesmo que Balerrini deixe claro sua recusa em pensar a cultura dentro do binarismo erudito/popular, as entrevistas dadas pelos profissionais indicam que essa perspectiva ainda marca posição dentro das redações. Isso fica ainda mais evidente pelo pouco espaço dado nas páginas dos periódicos às manifestações mais periféricas da cultura.

Outra questão que se manifesta ao longo das entrevistas citadas por Balerrini é a constante acusação que os veteranos das redações fazem aos focas sobre o hábito de construir matérias “à base de internet”. Nesse caso parece haver uma linha muito tênue entre a preocupação com a apuração dos fatos e aquilo que é mera dor de cotovelo, já que em alguns casos para o leitor no dia seguinte, ambos – veteranos e focas – chegaram às mesmas informações independentemente dos métodos.

Mas, para esse resenhista, o principal problema evidenciado nas entrevistas com os profissionais que escrevem para as editorias culturais está na dificuldade em lidar com as novas plataformas. O tom é quase sempre apocalíptico e parece indicar certa

nostalgia de uma época em que o repórter era um centro emissor. As acusações imputadas às novas tecnologias da informação vão desde a já conhecida *banalização da informação* até o lamurioso desprestígio do trabalho do crítico sintetizado em frases do tipo: “hoje todo mundo acha que entende desse assunto” (BALLERINI, 2015, p.173).

Parece-nos que a verdade mais reveladora que essas afirmações tentam escamotear é que o grande público se adaptou mais rápido às novas plataformas do que os próprios profissionais da comunicação. Tendo em mente que quem converge não é a plataforma, mas, sim, o usuário (JENKINS, 2009), poderíamos afirmar que a convergência tão necessária para um jornalismo cultural transmídia ainda não chegou a muitas redações. Parece que ainda se alimenta a mórbida esperança de que o mesmo texto narrativo escrito para o impresso preservará sua áurea de sacralidade quando postado nas mídias sociais digitais. Ledo engano!

Ballerini procura demonstrar em poucas palavras algumas das muitas possibilidades de se praticar um jornalismo cultural mais criativo utilizando os recursos disponíveis na internet:

Ao ir para a página com a crítica do novo filme, no lugar da foto há o trailer, que começa imediatamente ao tocar na imagem. Na crítica de um novo livro de um escritor importante, há um link com as primeiras páginas da obra. No texto que fala do lançamento de uma banda, aparecem o clipe da música de trabalho e algumas amostras. (BALLERINI, 2015, p.178).

As sugestões são bastante primárias? Sim, de fato são. Porém, se para a grande população dos usuá-

rios das novas tecnologias a prática de aliar texto, imagem e som é habitual, parece que nas redações ainda mostra tarefa laboriosa e raramente praticada. Portanto, a dica é válida.

Concluimos desse modo que o livro levanta importantes questionamentos para pensar o jornalismo cultural no ensino e na prática. Para os docentes em cursos de especialização em jornalismo cultural servirá para elucidar os medos e assombros que rondam os profissionais nas redações, ambiente com o qual alguns docentes perderam o contato há anos, quando os temores ainda eram outros. Para os profissionais deixamos esta reflexão sobre a prática da profissão e um estímulo para não se envergonharem, caso precisem voltar às salas de aula.

## Referências

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

